

**TEOLOGIA DO CUIDADO  
NA FORMAÇÃO DO  
FUTURO PRESBÍTERO**

Coleção VOCAÇÃO E FORMAÇÃO

- Discernir o chamado: a avaliação vocacional, *Luis María García Dominguez*
- A hora de Deus: a crise na vida cristã, *Amedeo Cencini*
- Seminarista diocesano: identidade, vocação e missão, *VV.AA.*
- Formação presbiteral: roteiro para a formação de sacerdotes diocesanos e religiosos, *José Carlos Pereira*
- Teologia do cuidado na formação do futuro presbítero, *Ademilson Tadeu Quirino; Bismarque Macial de Oliveira*

Ademilson Tadeu Quirino  
Bismarque Maciel de Oliveira

**TEOLOGIA DO CUIDADO  
NA FORMAÇÃO DO  
FUTURO PRESBÍTERO**



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*  
Gerente de *design*: *Danilo Alves Lima*  
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*  
Preparação do original: *Tatianne Francisquetti*  
Capa e diagramação: *Karine Pereira dos Santos*  
Imagem da capa: *iStock*  
Impressão e acabamento: PAULUS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Quirino, Ademilson Tadeu.

Teologia do cuidado na formação do futuro presbítero / Ademilson Tadeu Quirino, Bismarque Maciel de Oliveira. – São Paulo: Paulus, 2022. Coleção Vocação e formação.

ISBN 978-65-5562-691-9

1. Seminaristas – Formação – Cuidado 2. Seminaristas – Vocação I. Título II. Oliveira, Bismarque Maciel de III. Série

22-4163

CDD 200.711

CDU 254.4

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Seminaristas – Formação



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações

sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

[paulus.com.br/cadastro](http://paulus.com.br/cadastro)

Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-65-5562-691-9

## INTRODUÇÃO

A pessoa, por sua condição humana, necessita de cuidados e, ao mesmo tempo, tem a capacidade de cuidar dos outros. Embora sejam intrínsecas à condição humana, as práticas de cuidado são fortemente influenciadas pelos fatores que envolvem o sujeito. Tais fatores podem alargar o sentido do cuidado ou extirpá-lo, dando espaço às ambiguidades e aos paradoxos das relações humanas, como a ambição por poder e dominação. O cuidado está relacionado à emancipação da pessoa humana, tornando-a cada vez mais livre e consciente de ser com os outros; por isso, responsável por eles e por toda a criação.

Na religião, encontra-se o modo mais sublime do cuidado, já que ela, por si mesma, denota tal zelo. Ademais, na perspectiva teológica do cuidado, Deus é o cuidador por excelência. Nos textos bíblicos, encontram-se relatos que expressam bem tal cuidado: o Pai, ao promover o êxodo; o Filho, ao chamar e estabelecer relações de amizade, de confiança, de preocupação, desvelando-se, sobretudo, aos apóstolos. É nesse sentido que se reflete sobre a Teologia do Cuidado na formação do futuro presbítero. No processo formativo, o seminarista necessita do cuidado que o promova, não só intelectualmente, mas como pessoa de maturidade humano-cristã, consciente da necessidade de cuidar de si e também dos outros, como o bom pastor, como o bom samaritano.

A reflexão desta pesquisa busca, além de analisar os conceitos decorrentes da Teologia do Cuidado e suas implicações na formação humana do futuro presbítero, propor a prática do cuidado como possibilidade de “cura” e de revelação dos mistérios divinos. Os seminaristas que não são cuidados, que não permitem ser cuidados ou que não se cuidam se tornam mais vulneráveis ao esgotamento existencial, abandonando a caminhada vocacional ou, até mesmo, a própria vida. Nesse sentido, questiona-se:

quais influências o cuidado pode ter na vida do futuro presbítero? Na formação presbiteral, o seminarista precisa ser sujeito, ou seja, protagonista de sua formação. Anular-se é perigoso, pois significa deixar-se, passivamente, ser roubado de si mesmo. Anulá-lo não corresponde ao ser cristão, pois significa roubá-lo de si mesmo. Considerar que cada seminarista tem personalidade própria e uma história pessoal que deve ser respeitada é o ponto de partida para a promoção de sua maturidade humano-cristã.

Nesta empreitada, utilizar-se-á de pesquisa qualitativa, aplicada, descritiva, bibliográfica e documental, organizada em três capítulos, com o intuito de confirmar ou refutar a hipótese de que o cuidado, durante a formação presbiteral, coopera para a maturidade humano-cristã do seminarista e alcança as pessoas que receberão os seus cuidados, quando presbítero.

No primeiro capítulo, a partir dos aspectos conceituais do termo “cuidado”, afirma-se que o cuidado sempre acompanha a pessoa humana, pois ela nunca deixará de amar e de desvelar-se por alguém; do mesmo modo, nunca deixará de inquietar-se e preocupar-se com a pessoa com quem se importa. Na perspectiva cristã, o próximo necessitado é importante, portanto, deve ser destinatário do cuidado, pois, do contrário, promover-se-á a morte do amor, a indiferença. O cuidado pode curar, no entanto, exige relação de confiança entre o cuidador e quem é cuidado. Não obstante, ao presbítero, no passado, era atribuído o termo “cura”, pois seu ministério, calcado em Jesus Cristo, dava-se no cuidado e na cura das almas.

No segundo capítulo, de maneira geral, acena-se para os aspectos históricos da formação presbiteral no Brasil no período colonial, no período imperial e no período republicano, o qual se divide em antes e depois do Concílio Vaticano II. Esses acenos são importantes para evidenciar que a preocupação com o cuidado integral da pessoa do seminarista não foi, até o Vaticano II, destaque na formação presbiteral.

O terceiro capítulo é dedicado às reflexões acerca do cuidado como processo de maturidade humano-cristã no ambiente formativo. O cuidado para com o futuro pastor, o qual é sujeito

único, dotado de personalidade própria e de uma história pessoal, pode “curar” suas enfermidades existenciais, pois no cuidado está a misericórdia que possibilita romper barreiras e capacita refazer e estreitar os laços humanos, unindo pessoas e comunidades, que podem passar a dar maior sentido e razão para a vida.

O cuidado deve ser contínuo, por isso, acredita-se que, encerrado o período de seminário, a Pastoral Presbiteral é o grande meio para se cuidar da pessoa do presbítero, possibilitando o real sentimento de pertença a uma família, a um presbitério. Esse sentimento é o que, de fato, faz superar as divisões, em vista da unidade fraterna.





## 1.

**TEOLOGIA DO CUIDADO**

“Cuidado para não cair!”; “Cuidado com o que escreve!”; “Cuidado com as amizades!”; “Cuidado na estrada!”; “Cuidado! Cuidado!”. Essas são expressões que sempre ressoam da boca daqueles que, em tese, nos querem bem. É verdade que o cuidado é necessário para a sobrevivência dos seres humanos. Outrossim, a cultura ocidental muito se preocupa com aquilo que se vê, com o externo, com os fenômenos que envolvem a pessoa humana, enquanto, por outro lado, parece não dar a devida atenção ao desvelo integral e contínuo da pessoa humana.

Neste primeiro capítulo, serão abordados os aspectos conceituais do termo *cuidado*, os quais se sofisticam no percurso histórico da humanidade. É a partir da história que se constatará que o sentido do termo em questão parece ter sido deixado às margens das práticas do homem, devido à exigência da dimensão feminina do humano, sendo o cuidado capaz de curar e de gerar vida. Nesse ínterim, a teologia que o termo carrega será abordada a partir do cuidado de Deus para com o seu povo no Primeiro Testamento e de Jesus Cristo para com os seus apóstolos, portanto, no Segundo Testamento.

**1.1 CUIDADO: ASPECTOS CONCEITUAIS**

Para bem abordar a Teologia do Cuidado, faz-se necessário conceituar o que vem a ser “cuidado”. O dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, entre outras definições, apresenta “cuidado” como o “tratamento especial, zelo, bom trato”, e como “inquietação, preocupação, desvelo que se dedica a alguém ou algo” (HOUAISS, 2009).

A pessoa humana, em seu desenvolvimento, adquire formas e modos de cuidar, as quais se sofisticam. Nesse sentido, cuidar não

se limita, por exemplo, à atividade ou tarefa de tratar uma ferida, aliviar algum desconforto ou curar de uma doença. Cuidar alcança sentido bastante amplo, como a maneira de se relacionar consigo mesmo, com o outro, com a criação e com Deus, configurando, portanto, uma forma de viver plenamente.

O cuidado pode ser qualificado em sobrevivência e em interesse e carinho. O cuidado para garantir a sobrevivência é comum em todas as espécies e sexos, por exemplo, quando um animal alimenta o seu filhote. Já o cuidado a partir do interesse e carinho é exclusivamente humano, e tal prática se sofisticou na medida em que o ser humano se desenvolve.

Expressam o não cuidado as atitudes que invertem o ser pelo ter, qualificando a outra pessoa humana como objeto passível de ser manipulado, assim como se faz com os bens. Ganância, violência, inveja, hostilidade, ódio e afins são empiricamente resultados do não cuidar. O contrário disso se constata, por exemplo, no compartilhamento de habilidades, de alimentos, de vestuários e, em tempos líquidos,<sup>1</sup> de solidez nas relações de uns com os outros.

Waldow, citando Collière, afirma que “as atividades da mulher, tradicionalmente *tomar conta, cuidar, tratar*,<sup>2</sup> na verdade, correspondem a garantir ou compensar funções vitais e que essencialmente se organizam em torno de dois polos, quais sejam, do nascimento à morte” (COLLIÈRE *apud* WALDOW, 2001, p. 22). Nesse sentido, a referida autora afirma que, pensando o cuidado humano como uma forma de estar, de ser e de se relacionar, “as mulheres, inquestionavelmente, podem ser consideradas cuidadoras, por excelência” (WALDOW, 2001, p. 23). Ao encontro desse especial cuidado maternal, o papa João Paulo I, no dia 10 de setembro de 1978, durante o *Angelus Domini*, afirmou que Deus

é pai; mais ainda, é mãe. Não quer fazer-nos mal, só nos quer fazer bem, a todos. Os filhos, se por acaso estão doentes, possuem um título a mais para serem amados pela mãe. Também nós, se por

<sup>1</sup> Cf. BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

<sup>2</sup> Grifo da autora.

acaso estamos doentes de maldade, fora do caminho, temos um título a mais para que o Senhor nos ame (JOÃO PAULO I, 1978).

Jesus, antes da sua prisão, tomado por grande angústia, ora ao Pai utilizando o termo aramaico *Abba* (cf. Mc 14,36). Tal termo exprime, nos lábios de Jesus, a familiaridade, a intimidade entre o Filho e o Pai. O sofrimento interior que Jesus estava passando é aliviado pela intimidade com o Pai, que não é um Deus patriarcal, mas possuidor de entranhas da misericórdia e de coração materno (BRANDÃO, 1999), que supera e repudia atitudes que colocam seus filhos a ermo da existência.

O afago maternal de Deus é, metaforicamente, apresentado em Mateus (23,37): “Jerusalém [...], quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha recolhe seus pintinhos debaixo das asas” (cf. Lc 13,34). O que se deve evidenciar é a relação íntima de Deus e de seu Reino para com todos os seus filhos e filhas, “e não traços masculinos e patriarcais atribuídos à pessoa divina” (BRANDÃO, 1999).

A afirmação “Deus é mãe” é, na verdade, uma metáfora, “por trás da qual está a experiência feminina da maternidade” (BRANDÃO, 1999), ou seja, remete ao criar, gerar vida, afagar, acariciar, “à capacidade de proteger e respeitar a formação e a autonomia dos filhos e filhas” (BRANDÃO, 1999). Pela boca do profeta Isaías (42,14), o Senhor Deus diz: “Há muito tempo me calei, guardei silêncio e me contive. Como mulher que está de parto eu gemia, suspirava, respirando ofegante”.

Para superar os condicionamentos patriarcais, não basta substituir a linguagem e os termos para se referir a Deus como mãe. É preciso assimilar o agir divino a partir de “relações justas, amorosas, cheias de cuidado e ternura entre mulheres e homens das mais distintas raças, nações, povos e religiões, de maneira que se possa enfrentar as injustas disparidades quanto à qualidade da vida e da saúde em toda a humanidade” (BRANDÃO, 1999).

A dimensão do feminino é revelada pelo modo de ser cuidado no homem e na mulher. Na história, tal dimensão se dá a partir da hegemonia histórico-social das mulheres, as quais “davam ao

feminino uma expressão tão profunda que ficou na memória permanente da humanidade através de grandes símbolos, sonhos e arquétipos presentes na cultura e no inconsciente coletivo” (BOFF, 1999, p. 97). A partir de tal característica, qual seja, do cuidado como dimensão feminina, tal prática ficou difamada como feminilização das atitudes humanas, sendo empecilho à compreensão objetiva e obstáculo à eficácia. *En passant*, é perceptível a maneira máscula, e às vezes rude, adotada na formação religiosa feminina. A questão é que não mais se vê a pessoa humana como ser de relações ilimitadas, “ser de criatividade, de ternura, de cuidado, de espiritualidade, portador de um projeto sagrado infinito” (BOFF, 1999, p. 98). Essa perspectiva provoca, a partir das relações interpessoais, hiatos existenciais, como verdadeiras feridas, que podem ser curadas pelo cuidado.

O termo *cura*, em sua forma mais antiga, se grafava *coera* e tinha conotação de amor e de amizade. Tratava-se de abordar atitude “de cuidado, de desvelo, de preocupação e de inquietação” (BOFF, 1999, p. 91). Se se parte do sentido de *cogitare-cogitatus*, também se esbarra no mesmo sentido de cura: “cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e de preocupação” (BOFF, 1999, p. 91).

Na esfera do direito civil, existe a pessoa do *curador*, que é aquele que zela pelo patrimônio e pelos interesses do outro que se encontra impossibilitado ou incapacitado para fazê-lo por si mesmo. Nesse ínterim, o cuidado apenas surge quando a existência de alguém é importante, pois, sendo importante, passa-se a dedicar-lhe atenção; dispõe-se a “participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida” (BOFF, 1999, p. 91).

Heidegger (2005, p. 257) afirma que, “em sua essência, o ser-no-mundo é cura”. A cura, segundo o filósofo alemão, “caracteriza não somente a existencialidade, separada da facticidade e decadência, como também abrange a unidade dessas determinações ontológicas”. Nesse sentido, a cura não pressupõe atitudes isoladas ou exclusivistas que se apliquem a si mesmo, “porque essa atitude já se caracteriza ontologicamente como preceder a si

mesma”. Sobre a cura, Burdach afirma que possui sentido duplo, pois “não significa apenas um ‘esforço angustiado’, mas também o ‘cuidado’ e a ‘dedicação’” (BURDACH *apud* HEIDEGGER, 2005, p. 264).

O teólogo Leonardo Boff conceitua, portanto, cuidado como “desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato” (BOFF, 1999, p. 91). Cuidar implica modo de ser, no qual o cuidador sai de si e se volta ao outro com desvelo e solicitude. É nessa ótica que o presbítero, no exercício do seu pastoreio, é chamado de “cura d’almas”. Cuidar do outro é inquietante e provoca preocupação, já que é tornar-se responsável por ele.

A prática do cuidado não se esgota em um determinado ato, o qual se inicia e termina. Compreende a atitude permanente de atos, os quais derivam da natureza do ser humano. “A condição existencial de possibilidade de ‘cuidado com a vida’ e ‘dedicação’ deve ser concebida como cura num sentido originário, ou seja, ontológico” (HEIDEGGER, 2005, p. 265). O cuidado comporta duas significações básicas. A primeira refere-se à atitude do desvelo, solicitude e atenção para com o outro. A segunda, à atitude de inquietação e preocupação, já que aquele que cuida se sente envolvido e ligado ao outro afetivamente.

Horácio (65-8 a.C.), poeta latino, afirmava que “o cuidado é o permanente companheiro do ser humano” (HORÁCIO *apud* BOFF, 1999, p. 92). O cuidado sempre acompanha a pessoa humana, pois ela nunca deixará de amar e de se desvelar por alguém; do mesmo modo, nunca deixará de inquietar-se e preocupar-se com a pessoa com quem se importa. O não cuidar, ao contrário, promove a morte do amor e faz crescer a indiferença.

Importar-se com o outro é ocupar-se e preocupar-se, pois “a cura é sempre ocupação e preocupação, mesmo que de modo privativo” (HEIDEGGER, 2005, p. 259). O cuidado só se concretiza a partir da compaixão para com o outro, uma vez que “só se apreende um ente já compreendido, isto é, um ente já projetado em suas possibilidades como ente a ser tratado na ocupação ou a ser cuidado em seu ser na preocupação” (HEIDEGGER, 2005, p. 259).

O cuidado é mais do que uma atitude singular ou uma virtude junto às outras. Refere-se ao modo de ser, ou seja, à maneira como a pessoa humana se estrutura e se realiza nas relações existenciais junto aos outros. É o modo de ser-no-mundo, ou seja, “de existir e de coexistir, de estar presente” (BOFF, 1999, p. 92), inserindo-se na realidade e relacionando-se com toda a criação. É a partir de tal interação que a pessoa humana edifica o seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade.

As relações de cuidado jamais serão entre sujeito-objeto, mas entre sujeito-sujeito. Não se trata de relação de domínio, mas de integração, convivência, intervenção, comunhão. Cuidar é sintonizar-se com, justapondo razão e sentimento. O salto é dado da atitude utilitarista para o real valor do outro. Desse valor nascem a alteridade, o respeito, a sacralidade, a reciprocidade, a complementaridade em relação ao destinatário do cuidado.

Priorizar o cuidado significa suprimir a racionalidade abstrata e morna, para fazer surgir o cuidado, ou seja, o sentimento de compaixão diante do sofrimento do outro, obedecendo à lógica do coração, da cordialidade e da gentileza. Cuidar e ser cuidado são experiências fundamentais da existência no âmbito pessoal e social.

Donald Woods Winnicott, em sua teoria do *holding*, que se refere ao “conjunto de dispositivos de apoio, sustentação e proteção sem os quais o ser humano não vive”, afirma que a *care* (cuidado) se expressa pela “vontade de cuidar e a necessidade de cuidado” (WINNICOTT *apud* BOFF, 2012, p. 30). O pediatra e pensador patenteia a questão no relacionamento mãe/bebê. O bebê precisa de cuidado, sem o qual não vive e subsiste. A mãe, por sua vez, sente vontade e se dispõe prematuramente à prática do cuidado. É a condição humana de exposição a riscos, vulnerabilidade e finitude, que tornam a relação cuidar e ser cuidado indissociável (BOFF, 2012, p. 30).

Heidegger (2005, p. 243), na obra *Ser e tempo*, afirma que “ser-no-mundo é uma estrutura contínua e originalmente total”. A questão do cuidado aparece, nessa obra, a partir da reflexão de que “se todo ente é num mundo, o ente que possui caráter

existencial, o ente humano, *é* num mundo, *é* temporalmente, e o seu modo de ser e estar no mundo e no tempo *é* o cuidado” (MAIA, 2009, p. 37). Nesse sentido, “ser-no-mundo e cuidado partilham, como características que lhes são próprias” (MAIA, 2009, p. 37) e indissociáveis, a saber, a continuidade e a totalidade.

O cuidado se destaca na obra *Ser e tempo*

como próprio *Sein* (ser) de *Da-Sein*, em que esse “*Da*”, sendo um prefixo de locação, remete à compreensão heideggeriana de ser-no-mundo. Se o cuidado representa o próprio ser da presença de um ente, o “ser”, enfim, do seu “ser-aí”, tem-se, a partir desse encontro, a ideia de que o homem *cuida* enquanto estiver no mundo em que vive (MAIA, 2009, p. 38).

O cuidado, portanto, *é* inerente à vida humana e, por conseguinte, o descuidar *é* promover a morte da pessoa humana. Se se vive de maneira impiedosa e insensata, rompe-se com o significado sagrado que paira sobre toda a criação, esvaziando-se da espiritualidade que une tudo a Deus, que fez a humanidade à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1, 26).

## 1.2 O CUIDADO DE DEUS PARA COM SEU POVO

O cuidado, na fé judaico-cristã, tem grande destaque no relacionamento de Deus para com o seu povo. Tal relacionamento não está alicerçado numa atitude de medo ou no sentimento de ser “controlado” por Deus; antes, *é* acentuado o cultivo do respeito diante do profundo “mistério que envolve a criação e todas as criaturas viventes” (SANTOS, 2012, p. 90). Não *é* nosso intuito, na presente pesquisa, acenar todas as passagens das Sagradas Escrituras que retratam o cuidado de Deus para com o seu povo, no entanto, tão precioso desvelo merece algumas referências.

No relato da criação, o Senhor Deus, tendo criado os céus e a terra, não deixa esta última à sua própria sorte. Ele continua interessado na vida de toda criatura, por isso, cuida! Ele *é* o “Pai amoroso que cuida daquilo que criou” (SANTOS, 2012, p. 90).